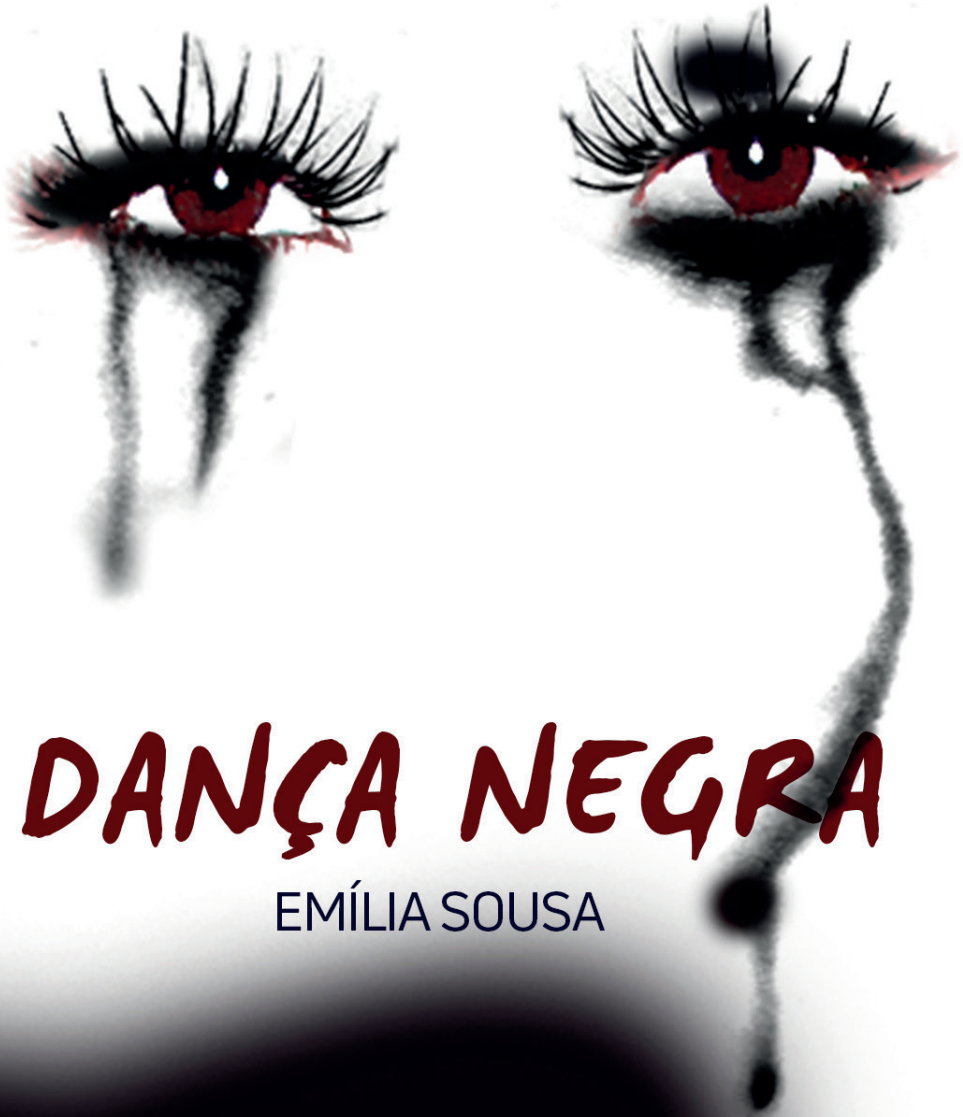


POESIA



DANÇA NEGRA

EMÍLIA SOUSA

Dança Negra

Num abraço vazio
Bate com os pés na terra seca
Ritmadamente como quem dança.

Dança negra
Negra de luto.

Balançando num abraço vazio
Canta chorando
Num murmúrio dorido,
Sentido
Gritando alto
Bem alto
Por seu parente perdido.

“Ai meu irmão, meu irmão!
Quem cuida de mim agora?”

“Ai meu filho, meu filho!
Quem cuida de ti agora?”

E todos nós
Os outros
Balançando ao som
Desta dança Negra
Ritmada
Gritando em silêncio
Bem alto

“Ai meu amigo, meu amigo!
Quem me ouve agora?
“Ai meu amigo, meu amigo!
Quem guarda agora os meus segredos?”

Ai,
Quanta dor sentida
Guardada
Escondida
Envolta em névoa de pó vermelho

Lágrimas derramadas sobre a campa tapada
Enfeitada de flores ornadas de cor
Tingidas de amor
Saudade e dó.

Caminhando no Asfalto

No asfalto quente
Descalço
Queimando-lhe o pé
E muito mais a alma
António caminhava na vida,
Sem destino
E sem queixume.

Aos seus filhos
Filhos do asfalto
Contava-lhes histórias de amor
Histórias da vida
Histórias do Mundo
Do seu País.

Antonio nunca se queixou
Por estar descalço
No asfalto quente
Queimando-lhe o pé
E muito mais a alma.

Não podia
Não tinha como.

Aos seus filhos
Pelos seus filhos
Filhos do asfalto
Apenas lhes deu amor
Ensinou-lhes o que é a vida
Apenas e tudo isso.

Com o pé descalço
No asfalto quente
Queimando-lhe o pé

Queimando-lhe muito mais a alma.
Antonio caminhou no asfalto quente
Com seus filhos
Sem destino
E sem queixume.

Juntos descalços no asfalto
Caminhando sobre a vida quente
De sua vida
De outras vidas,
Aos seus filhos
Apenas podia mostrar-lhes vida
E nunca dor

Caminhando sobre o asfalto quente
Descalço
Queimando-lhe o pé
E muito mais a alma,
António foi um herói
Que protegeu os seus
Dos males que a quentura deste asfalto
Faz a alma dum povo
Descalço
Num asfalto quente
Queimando-lhes os pés
Mas muito mais a alma.

Cores

Tantas e quantas cores não contadas
Cores que não traduzem vidas
Vidas que não traduzem nada.
Cores que não contam histórias
Mudas
Opacas para quem se recusa a ver.
Cores
Tantas e quantas cores desenhadas
Nos muros caiados da vida.
Cores que traduzem tudo
Cores que traduzem nada.
Onde querem
No que mais querem
No que os rodeia
Nos pormenores dos seus dias
Por onde passam
Por o que vêem
Por quem cruzam o seu olhar.
Coloridas para quem as vive.
Para a Mamã que suporta nos seus panos o bebé que chora
Nas cores da bola chutada pelo pé descalço de uma criança
Na bacia colorida da zungueira que canta
No banco que sustenta a vovó sentada
Pesada
Que sorri
Sim
Sorri vendo sua neta nua que brinca na terra seca
Seca de cor.
Indiferente à dor

Tantas e quantas vidas
Encontradas
Nas mais belas cores
Onde querem

No que mais querem
Por onde passam
Por o que vêem
Por quem cruzam o seu olhar.

Dança, Princesinha

Dança, princesinha
Com teu vestido branco imaculado
Menina pura sem idade
Menina criança
Cheia de sonhos e sem maldade

Dança, Princesinha
Dança
Com teu vestido azul rodado
Menina ternura já moça
Menina mulher
Ansiosa de vida
De amor e de vontade

Dança, Princesinha
Dança
Com teu vestido vermelho decotado
De menina perdida já adulta
Que já não busca sonhos
Não busca nada

Dança, Princesinha
Dança
Com teu vestido negro apertado
Menina esquecida
Mulher madura
Sentada no seu canto
Com seu corpo pesado.
Bate o pé ritmado sem descanso
Cantando
Cantando
Dança, Princesinha
Dança
Dança com teu vestido rodado

Silêncio

E dou comigo no meio de uma multidão em silêncio
De pessoas sem nada para dizer
Sem nada para acrescentar!

Olho-os
Procurando réstia de sangue
E nada...
Até esse parece ter-lhes parado nas veias.

Todos em silêncio
Todos sem acção.

No meio de todo aquele silêncio
Um som provoca os meus sentidos!
Um trautear de uma música
Um assobio,
Uma música no momento inventada
Uma melodia dançante

Não o encontro!
Não o procuro.
Melhor assim...

Melhor ficar na ignorância de quem ainda assobia.
No meio de uma multidão em silêncio.

Voa rouxinol, voa!
Não te quero envenenar com o meu silêncio.
Voa para bem longe daqui
Voa para onde a liberdade de expressão ainda é lei!
Voa por nós que já perdemos as nossas asas
Voa!

Veneno

Um veneno que me invade
E me fascina
Me ilude
E atraiçoa.
Uma morte lenta
Vida lenta
Uma morte certa
Vida incerta
Destino perdido
Sempre perdido
Destino de sonho iludido
Sempre perdido
Veneno que me leva
Que me faz viajar
Por pesadelos sem fim.

Vento

Vi-te passar
Com o cabelo ao vento
E que vento
Que te levantava o vestido verde a esvoaçar.

Tu,
Mulher bonita
Escondias teu pudor com destreza
E elegância
Do alto do teu sapato
Sem oscilar
Nem vacilar.

A cada piropo sorrias traiçoeiramente como o vento
Como quem dá confiança
Sem confiar.
Sempre segura da tua beleza única
Só tua
Partilhando-a apenas
Com quem cruza no teu passar.